



Serviço Público Federal  
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CAMPUS DE AQUIDAUANA  
CURSO DE LICENCIATURA DE GEOGRAFIA

LEANDRO AMORIM LULU

O TRABALHO SAZONAL DOS TRABALHADORES INDÍGENAS: O CASO DA  
ALDEIA IPEGUE E COLÔNIA NOVA AQUIDAUANA-MS.

AQUIDAUANA-MS  
2023



## RESUMO

A dinâmica geral do trabalho sazonal dos povos indígenas da aldeia Ipegue juntamente com a aldeia Colônia Nova, faz parte de um processo histórico que se iniciou ainda no século XX e representa tanto um processo de alteração das relações de trabalho dos indígenas quanto uma estratégia econômica de aumentar seu consumo diante de suas necessidades imediatas. O objetivo central do presente artigo é analisar como se deu este processo do trabalho sazonal. Quais ramos do trabalho esta modalidade de trabalho se desenvolveu. Quais condições o trabalho vem se desenvolvendo ao longo da história. A metodologia utilizada para tal compreensão foi principalmente por meio de pesquisas bibliográficas, entrevistas quantitativas/qualitativas, a fim de compreender como se desenvolveu o dinamismo de trabalho sazonal dos trabalhadores Terena e qual sua função no suprimento de suas demandas financeiras com esta modalidade de trabalho. Podemos concluir que, esta modalidade de trabalho, possui contradições a exemplo das precárias condições de trabalho e de exploração mas, que vem cumprindo uma função de suprir suas dificuldades, complementando a formação de sua renda.

**Palavras-chaves:** Etnia terena, Aldeia Ipegue, formação de renda, trabalhos sazonais

### **Abstract**

La dinámica general del trabajo estacional de los pueblos indígenas de la Aldea Ipegue, juntamente con la Aldea Colônia Nova, hace parte de un proceso histórico que se inició aún en el siglo XX y representa, tanto un proceso de alteración de las relaciones de trabajo de los indígenas, cuanto una estrategia económica de aumentar su consumo delante de sus necesidades inmediatas. El objetivo central del presente artículo es analizar cómo se dió este proceso de trabajo estacional, en cuales ramos del trabajo esta modalidad se desarrolló y en qué condiciones el trabajo se viene desarrollando a lo largo de la historia. La metodología utilizada para tal comprensión fue, principalmente, por medio de investigaciones bibliográficas y entrevistas cuantitativas/qualitativas, a fin de comprender cómo se desarrolló el dinamismo de trabajo estacional de los trabajadores Terena y cuál es la función de supliemento de sus demandas financieras con esta modalidad de trabajo. Podemos concluir que esta modalidad de trabajo, posee contradicciones, a ejemplo de las



precarias condiciones de trabajo y de explotación mas que viene cumpliendo una función de suplir sus dificultades, complementando la formación de su renta.

## **Introdução**

O processo de migração envolve diversas causas, notadamente estão ligadas aos aspectos econômicos e sociais da sociedade com destaques para a busca de melhores condições de trabalho, renda e vida.

A migração sazonal está ligada a estações do ano, é uma migração temporária, onde o migrante sai de um determinado local, em determinado período de ano e posteriormente volta, em outro período do ano, é conhecida também como “transumância”.

Este artigo especificamente tem como propósito, compreender esta dinâmica do trabalho sazonal tendo em vista que apesar de ter sofrido alteração a sua dinâmica histórica, pode ser considerado como fator importante no sentido de que os índios Terenas locais, conseguiram suprir algumas de suas carências básicas. Visa também delinear os principais aspectos quanto à natureza do trabalho sazonal desde o início de sua prática neste modelo de trabalho, identificando onde iniciou esta modalidade de trabalho entre os povos Terenas e quais são suas características estruturais.

Para o desenvolvimento do presente artigo foram utilizadas algumas referências bibliográficas que tratam do tema.

Foi utilizado o trabalho de Rodrigues (2012) que trata do trabalho indígena nas agroindústrias com o trabalho sazonal. Já Garcia (2014), trata da relação dos primeiros trabalhos sazonais e a inserção dos Indígenas terenas na sociedade.

O trabalho de Azanha (2001), é de suma importância para entendermos como se deu os primeiros trabalhos sazonais nas fazendas próximas à aldeia. Segundo o autor, esta dinâmica iniciou-se através do trabalho sazonal dos terenas desempenhando trabalhos na implantação do gado nelore nas aldeias.

Urquiza (2013) é importante para entendermos a relação que o índio Terena tem com a terra. Já Leite (2003) retrata a falta de mão de obra no Sul de Mato Grosso do Sul, e assim tendo em vista a mão de obra indígena como válvula de escape, tal mão de obra barata e de confiança dos indígenas terenas.

Utilizamos também o trabalho de Borges (2001) que relata em sua obra os preconceitos sofridos dos indígenas quando saíram de sua aldeia para ter o convívio na



sociedade, porém, a mesma não o dispensava pela sua mão de obra barata e de qualidade na lida tanto nos cultivos de lavouras quanto nas criações. E por fim utilizamos, a obra de Anderson (2005) que relata a questão da evasão escolar devido ao trabalho sazonal no setor de corte de cana e a falta de infraestrutura das empresas sucroalcooleiras.

### **Metodologia**

- Para o desenvolvimento do presente item, além da bibliografia consultada sobre a formação histórica do povo terena, foram realizadas entrevistas qualitativas com o intuito de descrever o contexto histórico da Aldeia.
- Leitura de artigos, TCC, dissertações e livros que tratam da cultura indígena e trabalho sazonal
- Pesquisa de campo através de entrevistas qualitativas que tratam do histórico do trabalho sazonal na aldeia (Aldeia Ipegue e Colônia Nova)
- Entrevistas nas empresas empregadoras dos indígenas no trabalho sazonal.
- Análise e redação do texto
  
- Durante a realização da pesquisa de campo foram coletadas informações e relatos de anciões que ali moram, e buscando referências bibliográficas e assim a compreender a forma que surgiu a aldeia Ipegue que a mesma é uma das mais antigas não tendo data certa sua fundação ou criação

O presente artigo está composto pelas seguintes partes além da introdução:

No item I- tratamos dos aspectos da formação histórica povo terena no qual faz parte da etnia da aldeia Ipegue. No item II - tratamos da formação e da composição da aldeia Ipegue e como ela foi perdendo seu território. No item II -tratamos da criação e formação da aldeia Colônia Nova que antes fazia parte da aldeia Ipegue e hoje é uma aldeia independente. no item IV - tratamos nos trabalhos sazonais desde o início até os dias atuais, tais como as atividades que faziam e algumas atividade que permanecem até os dias atuais e as novas atividade ligadas forma de buscar a renda para sua família.

#### **1-Aspectos da formação histórica do povo terena.**

A história da aldeia Ipegue se mistura com a do povo Terena que descende do grupo linguístico Aruak/Txané, da Tribo Guaná. Surgem da região do Chaco no século XVI, na colonização da América do Sul.

A aldeia Ipegue localiza-se nas Terras Indígenas (TI's) da aldeia Ipegue e Colônia Nova pertencente ao território (TI's) Taunay-Ipegue localizada a 77 km do município de

Aquidauana Mato Grosso do Sul. Localizada a 141 km da Capital Campo Grande-MS. Os indígenas pertencentes a esta aldeia, sempre ocuparam as terras que compreende a região de Miranda e Aquidauana.figura(1).

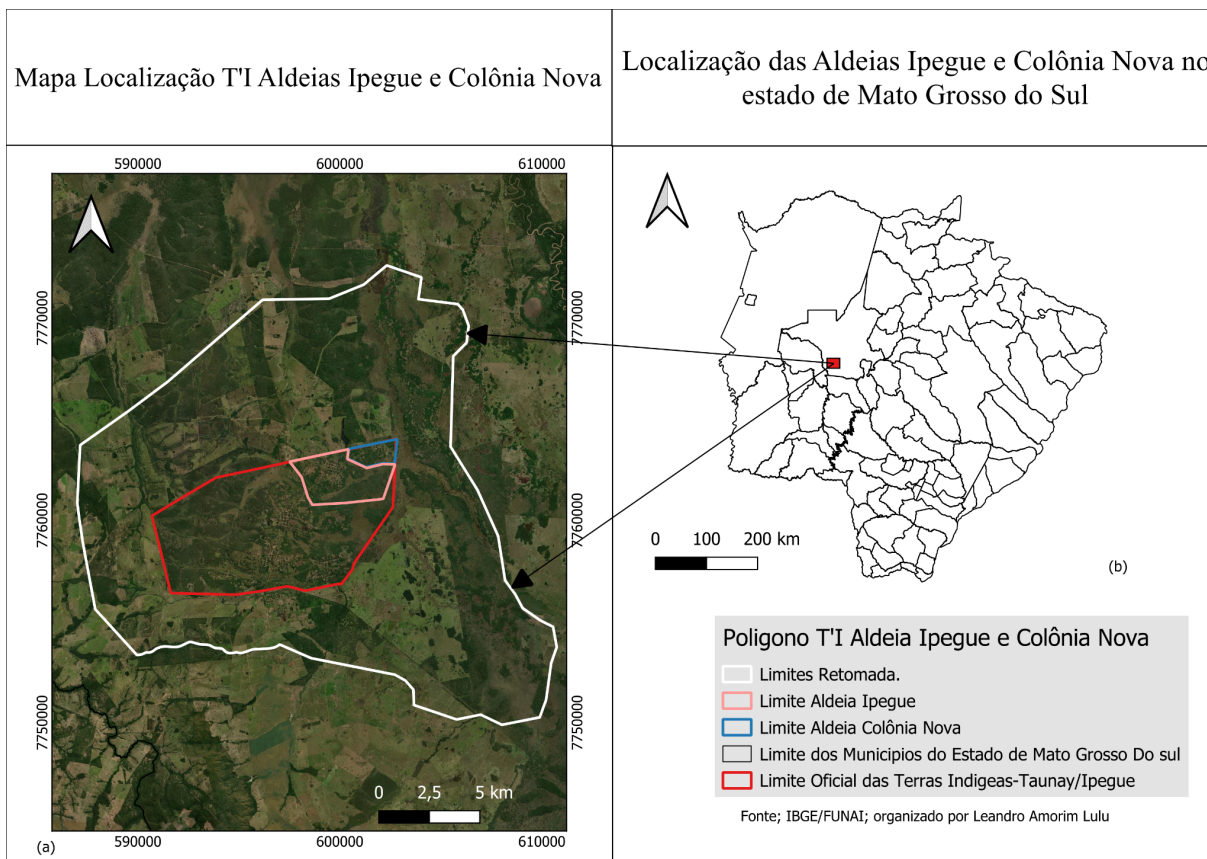


Figura (a) Localização do Limite oficial das terras indígenas (cor vermelha): Aldeias Ipegue (cor rosa) e Colônia Nova (cor azul) e o limite da retomada (cor branca).(b) Localização da área de estudo no município de Aquidauana e no Estado de Mato Grosso do Sul.

A figura referente a localização da pesquisa do presente artigo feita por mim que foram coletado os dados em campo juntamente com os anciãos das duas aldeias, que relataram os limites das duas aldeias e posteriormente produzido juntamente com os dados, no QGIZ para poder confeccionar os polígonos das aldeias Ipegue e Colônia Nova. Tentando assim o tamanho real que a aldeia Ipegue foi perdendo do seu território ao longo dos anos.

A Aldeia Ipegue é uma das aldeias mais antigas de Mato Grosso do Sul e no passado fazia divisa com a aldeia Naxe'Daxe, que por sua vez fazia divisa com a Aldeia Cachoeirinha Miranda-MS.

Durante a guerra do Paraguai os terenas tiveram uma participação muito importante na defesa do território que sempre ocuparam, lutando contra o exército paraguaio e abastecendo



o exército brasileiro como alimentos e informações visto que, conhecedores da região, sempre levavam vantagens contra o exército inimigo e como grandes agricultores que são alimentos nunca faltavam.

Mas tudo isso não foi o suficiente para garantir um de seus maiores bens mais preciosos: a Terra e sua língua materna. Segundo Urquiza (2013) diferentemente da tradição capitalista ocidental, a relação dos povos indígenas com a terra não é uma relação de exploração, mas sim de interdependência e, por isso, de respeito e harmonia.

Após a Guerra do Paraguai em 1869, os Terenas passaram a lutar em outra guerra, ou seja, a batalha pela sobrevivência, já que vários foram dizimados, outros doentes é, além disso, perdem a posse dos territórios antigos, territórios que tradicionalmente ocupavam para os fazendeiros que se apossaram das terras e construíram suas grandes fazendas. Na atualidade o povo Terena, luta constantemente para obter a posse dos antigos territórios que tradicionalmente ocupavam antes da Guerra, na região do então sul de Mato Grosso. Mais precisamente nas regiões dos municípios de Miranda e Aquidauana. (Gilberto Azanha. Antropólogo. Centro de Trabalho Indigenista e entrevista dos moradores das duas aldeias.)

Constata-se que depois da guerra do Paraguai vários aldeamentos foram invadidos pelos fazendeiros, entre eles a aldeia Naxe'Daxe.

E quando os indígenas moradores antigos dessas localidades e verdadeiros donos desses aldeamentos voltaram para seus lares. Viram suas casas ocupadas por fazendas e foram obrigadas a procurar outras aldeias. Com isso várias fazendas aumentaram suas divisas, invadindo cada vez mais as terras indígenas e incentivando outros proprietários a fazer o mesmo. Por isso, várias terras deixaram de ser indígenas para se tornarem propriedades particulares. (Maria Elisa Ladeira. Antropóloga. Centro de Trabalho Indigenista CTI).

Essas crescentes invasões de suas terras obrigou o povo Terena a buscar trabalhos nas fazendas para a satisfação de suas necessidades básicas, já que em suas terras não era mais possível à caça e pesca nas quantidades necessárias e nem a produção de uma agricultura suficiente para a manutenção de sua família. Com pouca terra e muita pressão dos invasores, criadores de gado, muitas famílias viram-se obrigadas a trabalhar para eles.

Outras tiveram a sorte de plantar e cultivar suas pequenas roças e comercializar seus produtos nas cidades próximas às aldeias como Miranda e Aquidauana. Outras famílias decidiram tentar a vida nas cidades (Aquidauana, Campo Grande, Dourados, entre outras)





enfrentando os preconceitos, a pobreza e o abandono. A partir daí o terena passa a estabelecer maior contato com a sociedade a abrir as portas para o mercado de trabalho, e assim dando ênfase na educação escolar, apesar de todas as dificuldades.

## 2- Aspectos da formação histórica da Aldeia Ipegue.

Aldeia Ipegue está localizada a 63,9 km da cidade de Aquidauana-MS os relatos de moradores e anciões que originalmente o povo terena que fez moradia na aldeia Ipegue veio da cachoeirinha que eram um povo nômades que ali percorriam a grande aldeia até chegar na aldeia Ipegue sendo uma das aldeias mais antigas da sua região, a aldeia ipegue e a única que possui nome e apelido terena, em terena “*IPEAKAXOTY*” que em português significa descanso de aves e seu apelido “*VARAQUAQUE*” que significa barro preto.

Sua criação de acordo com relatos dos anciões da aldeia sua formação original está próxima ao rio Aquidauana onde foram ocupando o espaço físico das terras hoje pertencente a aldeia Colônia Nova e até chegar e fazer ali sua moradia em definitivo até os dias de hoje<sup>1</sup>.

A aldeia Ipegue foi uma que mais perdeu espaço físico em sua história onde chegava mais ou menos a 1,363 hectares de extensão. A aldeia perdeu espaço para a aldeia bananal e sua extensão que vinha a ser a aldeia Colônia Nova. Com isso, as famílias que trabalhavam exclusivamente de agricultura acabaram perdendo cada vez mais espaço que era utilizado para o seu cultivo. Áreas de cultivo foram sendo substituídas e utilizadas para a criação do gado branco e nelore. Sendo assim, a aldeia foi perdendo ainda mais famílias que possuíam terras e foram se juntando e fazendo piquetes para a criação de gado que até hoje é uma prática muito explorada pelos indígenas.

A população atual da aldeia é cerca de 810, pessoas distribuídas em 212 famílias no caso da aldeia Ipegue não foi informado o número de famílias ausentes sendo assim pode ter mais ou menos famílias.

A aldeia possui uma estrutura básica utilizada para atender a população indígena:

- Posto de Saúde Básico que contém 1 uma técnica de enfermagem indígena, 5 cinco Agentes de Saúde (AIS), 2 dois Agentes Indígena de Saneamento (AISAN) e 2 dois zeladores, sendo que a técnica de enfermagem e os 5 cinco agentes de saúde indígena

---

<sup>1</sup> De acordo com as entrevistas com anciões antigos da aldeia, não se tem registros históricos conhecidos em relação a criação da aldeia Ipegue (nem mesmo uma data aproximada).



são contratados pela Organização Não Governamental (ONG) Missão Guarani Kaiuá e as zeladoras e AISAN são terceirizados da empresa Guato.

- Escola Municipal Feliciano Pio tem seu quadro de funcionário no total de 32 trinta e dois funcionários incluindo os da colônia nova sendo 16 professores sendo 5 cinco efetivos e 11 onze contratados, Auxiliar de Serviços Gerais (ASG) 3 três, sendo 2 dois efetivos e 1 um contratado, 2 duas merendeiras 1 uma efetiva e 1 uma contratada, 2 dois vigias, 1 um efetivo e 1 contratado, 1 secretário contratador, 1 uma Diretora efetiva, e 2 dois agentes administrativo efetivo, além desses também temos os professores que moram na aldeia e dão aula nas escolas estaduais.
- Além dos serviços formais, temos os comerciantes que geram renda e fazem os giros de capitais dentro da aldeia comprando e revendendo mercadorias para tentar suprir as necessidades da aldeia, desde alimentos perecíveis a produtos de limpeza entre outros.
- A aldeia Ipegue contém 7 igrejas sendo uma católica, sua maioria agora evangélicos a língua materna e pouca falada nesta aldeia de acordo com relatos de moradores, a língua materna no início gerava muito constrangimento ao terena quando saia a procura de emprego nas cidades, para defender seus filhos de tais constrangimentos preferiram não ensinar a língua terena e assim foi cada vez menos falada nesta aldeia

### **3-Aspectos da formação histórica e Criação da Aldeia Colônia Nova**

Existe uma especificidade histórica entre as aldeias Ipegue e Colônia Nova. Se no passado era uma só, posteriormente houve separação. A separação ocorreu em definitivamente em meados da década de 1990, onde a mesma não tinha rede elétrica, muito menos água encanada, o seu primeiro Cacique foi o Sr<sup>o</sup> Manoel Amado.

A aldeia Colônia Nova está localizada a 67 km de Aquidauana-MS, hoje a Aldeia constitui-se de aproximadamente de 74 famílias no total sendo 63 famílias presentes e 13 ausentes sendo 101 pessoas do sexo feminino e 84 pessoas do sexo masculino. Há uma infraestrutura existente a exemplo de um Posto de Saúde que contém uma Técnica em Enfermagem, 1 uma AIS e um AISAM e uma ASG. Há também na aldeia uma escola que é extensão da Escola Municipal Feliciano Pio que contém 1 Professora da pré-escola ao 3<sup>o</sup> ano do ensino fundamental, na escola há um zelador, e uma merendeira.

A sua população tem como principal renda formada por auxílios do Governo Federal tais como o Bolsa Família e aposentados. Outra forma de renda é constituída através dos serviços sazonais como “contratos” que levam para a colheita da maçã no Rio Grande do Sul,





e na agricultura familiar que por sinal é muito influente nesta aldeia, e fazendas em seu entorno. A sua religião é formada em sua maioria de evangélicos onde se encontra duas igrejas evangélicas e uma católica.

#### **4- Aspectos Socioeconômicos e Trabalho Sazonal na Aldeia**

É importante ressaltar a natureza organizacional do trabalho nos povos Terenas no qual, historicamente o trabalho era dividido entre homens e mulheres, ao homem era atribuído a função da cestaria<sup>2</sup>, bem como a caça e pesca, preparo da terra para o cultivo da lavoura. Em relação às mulheres, a sua responsabilidade era cuidar das sementeiras dos alimentos e dos artefatos e de atividades envolvendo confecção de cerâmicas.

O trabalho sazonal fora da aldeia não é fator recente. Com o passar dos anos o trabalhador Terena se viu obrigado a deixar a lavoura de lado, para tentar suprir suas dificuldades financeiras socioeconômicas e também por falta de espaço físico na aldeia Ipegue levando, em consideração as suas bases históricas como indígena. Um fator a ser considerado é o fato de ter havido aumento das famílias que ali moravam e assim houve a necessidade da saída para a procura de trabalho para complementar a sua renda, sendo que uma opção encontrada foi o trabalho nas fazendas próximas à aldeia.

Neste sentido, inicia-se os primeiros trabalhos sazonais dos povos Terenas através dos fazendeiros locais envolvendo as mais diversificadas tarefas em suas fazendas. O trabalho ocupado pelos indígenas ia desde trabalho nas changueadas<sup>3</sup> ou fazer empreitadas envolvendo a derrubada de matas, retirada de postes, construção de cercas, limpeza de lavouras, roçadas de brotos nas invernadas.

Outro setor ocupado pelos indígenas no trabalho sazonal era o trabalho na pecuária, ou seja, atividades relacionadas à criação de bovinos, que ia desde a cura de bezerros a amansar vacas leiteiras, domar animais bravos como cavalos e mulas para a montaria.

Hoje a modalidade dominante nas fazendas é aquela que chamamos de “temporário autônomo”. Em geral, a mão-de-obra indígena é requisitada “voluntariamente” para os serviços de instalação de cercas, cortes de postes, carpina em pastagens e no auxílio ao a parte de bezerros. (AZANHA, 2001, p.59-60, conforme citado GARCIA. Adilson)

---

<sup>2</sup> Confecção de cestos utilizando fibras de carandá.

<sup>3</sup> Changa ou changuear; Palavra de origem gaúcha que significa trabalho temporário e de pequena remuneração, conhecida no restante do Brasil como "bico". Eu arranji uma changa para este sábado na estância do seu Vargas.



Em pesquisa de campo foi realizada através de entrevistas<sup>4</sup> qualitativas onde foi possível constatar, que haviam poucas vagas de trabalho nas fazendas. Em contrapartida, os indígenas visualizaram outras oportunidades de trabalho, a exemplo do trabalho nas usinas sucroalcooleiras. Essas atividades envolviam o trabalho braçal no corte de cana que se iniciou ainda nos meados de 1960 e se estendeu até o fim da década de 1990 e início dos anos 2000.

Foi constatado também através das entrevistas que em determinado período o trabalhador Terena saía da aldeia para trabalhar nas usinas sucroalcooleiras, que por sua vez tinham pouca infraestrutura oferecida aos trabalhadores. Os mesmos muitas vezes se viram obrigados a dormir em alojamentos sem infraestrutura básica como cama e colchão. Muitas vezes, o local de alojamento era organizado pelos próprios indígenas, eram construídos barracos de lonas feitos no próprio “eito<sup>5</sup>” da cana sem o mínimo conforto. Estes trabalhadores eram desprovidos de formação educacional sem formação escolar básica ou com apenas formação nas séries iniciais do ensino fundamental.

A maioria eram jovens que abandonaram seus estudos e assim eram conduzidos ao trabalho braçal prematuramente, e elevando o índice de abandono escolar e com consequências na formação da qualidade de vida deste cidadão, que submeteram-se a formas de trabalhos quase desumanas (Pesquisa entrevista de campo).

A forma de pagamento aos trabalhadores do povo Terena, nem sempre funcionava com recebimento de salário mensal. O pagamento de diárias era utilizado, e o pagamento pelas empresas só ocorria somente no final do contrato que era estipulado pelas usinas sucroalcooleiras. Um fator importante a ser destacado, é de que os primeiros indígenas regressavam para aldeia e iniciava-se o processo em forma de uma “tradição” , ou seja, os pais de família indígenas Terenas levavam os seus filhos adolescentes também para trabalhar no corte de cana e assim elevando os índices de evasão escolar nos anos iniciais e finais do ensino fundamental, e até o “analfabetismo funcional<sup>6</sup>” de uma geração.

Aos índios que permaneciam nas aldeias restavam o trabalho em fazendas e serviços de aceiro<sup>7</sup>. Um fator importante a ser ressaltado é em relação a sua jornada fora da aldeia em

---

<sup>4</sup> pesquisa feita em campo

<sup>5</sup> talhão porção de terra onde é plantada a cana de açúcar.

<sup>6</sup> Analfabetismo funcional; são aqueles que reconhecem as letras e os números, no entanto, não compreendem textos, não conseguem captar as ideias centrais e explicar o conteúdo daquilo que foi dito.

<sup>7</sup> Aceiros são faixas ao longo das cercas onde a vegetação foi completamente eliminada da superfície do solo. A finalidade é prevenir a passagem do fogo para área de vegetação, evitando assim queimadas ou incêndios das pastagens.



busca de renda. Esta busca se dava para suprir suas necessidades básicas, afinal, não havia nenhum amparo dos governos estaduais e federais, sendo assim aumentava a cada dia a disparidade das famílias aldeadas comparada a uma família fora da aldeia (cidade) (pesquisa e campo 2022).

De acordo com as entrevistas realizadas, o trabalho sazonal depois de inseridos na sociedade, os Terenas conheceram o lado obscuro do preconceito de uma sociedade, que atribuía aqueles que trabalhavam em serviços sazonais uma série de preconceitos. Dirigiam-se a eles, palavras e apelidos que não condizem com o verdadeiro caráter dos povos Terenas.

Com a falta de mão de obra no sul de Mato Grosso, o indígena terena foi visto com uma forma de escape para tal mão de obra pelo baixo custo e serventia isso se deu na expansão da agricultura e pecuária na região “o crescimento da atividade criatória serviu-se do trabalho indígena como mão de obra desqualificada, mas útil, porque de baixo custo” (LEITE, 2003, p.61).

Uma parcela da sociedade dominante do sul de Mato Grosso estigmatizava as sociedades indígenas com uma série de preconceitos e falácias, todavia não abdicava de utilizar esta mão de obra barata e submissa. Assim sendo, eram os índios Terenas caracterizados como excelentes campeiros e, “quanto à pecuária, o regime de trabalho utilizado também constituiu-se em uma atividade nômade, com adaptação bastante rápida da mão-de-obra, indígena, empregada no trabalho de vaqueiro.” (BORGES, 2001, p. 105).

Com a estagnação do serviço nas fazendas o índio terena começou a procura das usinas sucroalcooleiras, com trabalho nos canaviais e vários outros serviços a eles imposto, por muito tempo as usinas utilizam de tal mão de obra muitas vezes a explorando deixando a desejar da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) órgão que seria responsável pela a tutela do índio nas usinas para fiscalizar as estruturas e condições do trabalhador Terena<sup>8</sup>.

O contexto migratório que abrange os terenas obedece a duas principais direções, ou seja, migra tanto da aldeia-cidade quanto para a aldeia-trabalho sazonal esporádicos sendo alguns em curta distância municipal e outra em longa distância as estaduais.

De acordo com a pesquisa realizada que trata da dinâmica da migração dos terenas da aldeia Ipegue, o fluxo migratório se dava principalmente para as cidades e fazendas vizinhas

---

<sup>8</sup> Não foram encontrados registros antigos na Funai de Aquidauana.



como Aquidauana, Campo Grande e Ribas do Rio Pardo. O fluxo migratório do trabalho sazonal fora do estado se dava principalmente para São Paulo e Rio Grande do Sul.

Os trabalhos sazonais deram início com as fazendas nos arredores da aldeia que logo foram a fonte de renda do índio Terena, em diversos tipos de trabalhos que os indígenas Terena faziam como o desmate de áreas para o cultivo de pasto e lavoura, na doma de animais tanto de vacas leiteiras como equinos, cavalos e mulas para lida no campo. A figura (2) a seguir, retrata o indígena terena já ensinando desde cedo à arte da doma de animais sem bater somente com o costume do animal com peão.

Figura 2- Doma de animais



Fonte: Pesquisa de campo/Arquivo Pessoal 2022

A figura (2) mostra o trabalho vinculado à doma dos animais, o que exige conhecimento da técnica de como lidar e tratar o animal. Já a figura (3) mostra o trabalho realizado no processo de retirada de leite de vacas leiteiras, ou em relação à reunião dos animais para a contagem figura (3), realização da cura e separação e marcação de bezerras.





Figura 3-contagem dos novilhos e novilhas



Fonte; Pesquisa de campo/Arquivo Pessoal 2022

Outra atividade de trabalho sazonal realizada pela população indígena é a extração de lenha, poste, nos aceiros ao redor da fazenda. O trabalho como guias de turismo a exemplo das eco fazendas em torno do pantanal explorando o turismo com animais silvestres em focagem noturnos. Este trabalho sazonal ainda permanece vivo na atualidade.

Outra atividade ainda existente é em relação ao trabalho doméstico como cozinheiras e babás. Um fator a ser ressaltado, é o fato de que o indígena possuía status de pessoal de confiança dos fazendeiros. No entanto, com o passar dos anos viram que esta fonte de renda começou a ficar muito concorrida e passaram a ofertar poucas vagas de empregos. Então uma forma de válvula de escape foi a ida aos contratos das usinas de corte de cana que se deu no início dos anos 1960, ou seja, houve uma expansão das possibilidades de trabalho sazonal para diversas atividades no setor agropecuário<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Em relação ao contrato de trabalho é importante frisar que, após pontuar algumas questões sobre o trabalho nas aldeias e as motivações que direcionam esses sujeitos para o corte de cana-de-açúcar, torna-se necessário discutir as relações de trabalho na empresa em questão. Discussão que se inicia no processo de contratação dos indígenas. Em conversas informais com os indígenas foi dito que a ida para a Usina ocorria por um sistema contratual que variava de 30 a 60 dias, dependendo dos resultados da safra anterior. Esse contrato temporário fazia com que os índios migrassem aproximadamente 450 km de suas aldeias até a vila de trabalhadores da Usina, onde ficavam alojados durante todo o período do contrato de prestação de serviços. Os indígenas após o término, retornavam às suas aldeias de origem e lá ficavam por volta de cinco a sete dias, para então decidir se retornariam à Usina para trabalhar o período de outro contrato”.



As usinas para entrar nas aldeias tinham a autorização da FUNAI, e o cacique indicava o líder do grupo “o cabeçante”. O referido cabeçante precisa ser essencialmente um indivíduo alfabetizado, respeitado na comunidade indígena, e que tenha contatos com a administração da empresa. Esse intermediário é o responsável por selecionar os grupos de trabalho e organizar a ida para a Usina.

No local de trabalho suas funções são basicamente cuidar da disciplina, orientar os esquemas de rodízios do trabalho e organizar as questões financeiras. O cabeçante lidera um grupo de 44 pessoas, esse grupo de pessoas era composto das sete aldeias que fazem parte da TI Taunay-Ipegue. (FERNANDES, 2007, p. 26, conforme citado em GABRIEL.Ulian).

Porém algumas usinas faziam contrato anual no auge do corte de cana os indígenas iam ao início de janeiro e retornavam mês a mês para a aldeia e faziam o acerto em dezembro, no início dos “contratos” o trabalho era de produção ganhava-se o que cortava.

Através de relatos de trabalhadores durante a pesquisa de campo foi possível constatar que os primeiros contratos firmados se direcionaram para o corte de cana, e durante as atividades foram identificados algumas contradições no trabalho sazonal.

Um dos entrevistados afirmou que

Nós não tínhamos nem mistura (carne, ovos entre outros), muito menos lugar para dormir. Tínhamos que fazer nosso próprio barracão que servia de alojamento para nós trabalhadores, ganhávamos de início marmitta que já chegava muitas vezes em estado de decomposição. Portanto, éramos obrigados a fazer nossa própria cozinha no alojamento que ali ficava. A estrutura da cozinha era precária, onde a firma por sua vez não mandava muita mistura a exemplo da carne, mas sim animais vivos onde teríamos que matar pra comer. O trabalho sazonal funcionava sem carteira assinada. O nosso salário era em forma de produção onde cortávamos a cana. O preço variava de acordo com o tipo de cana que cortávamos tinha a muda e cana queimada que dava pra ganhar mais, e a plantação da cana que não tinha produção e era na diária muito pouca por sinal hoje cerca de 15 a 20 reais (Pesquisa de Campo junho de 2022).

O referido trabalho permaneceu até meados de 1990, onde já começou a ter mais “conforto” como alojamentos, ainda que de forma bem precária, alguns relatos dos indígenas referente a algumas usinas sucroalcooleiras não haviam nem banheiro e assim os indígenas eram obrigados a tomarem banho no rio que passava ali perto, o mesmo rio servia para pegar água para fazer suas refeições e para satisfazer sua sede.



Figura 4- alojamento nas usinas sucroalcooleiras



Fonte: Pesquisa de campo/Arquivo Pessoal 2022

A figura (4) relata os trabalhadores nos alojamentos. Nesses alojamentos ficavam grupos de 4 a 8 pessoas distribuídas em beliches e cada um possuía um armário pessoal. Em alguns alojamentos possuem TV e até campo de futebol para o seu lazer em dias de folga.

Com a chegada da máquina cortadora de cana nos meados de 2000, e com a proibição das queimadas da cana essa oferta de trabalho foi ficando escassa, não chegou a desaparecer, pois as usinas como a de Santa Helena MS, ainda utilizam esta modalidade de trabalho.

Com a escassez dessa mão de obra os indígenas viram no Eucalipto uma forma de geração de renda no “kalipá” no eucalipto as formas de vínculos empregatícios são semelhantes aos do corte de cana, onde são formados grupos de 44 pessoas liderada pelo “cabeçante” agora intermediados pela FUNTRAB de Aquidauana-MS. Porém, o cabeçante determina se o trabalhador vai ou não. A escolha geralmente é realizada através de seus antecedentes contratuais que o trabalhador tem. Os mesmos recebem um vale de adiantamento no valor de R\$150,00, que poderão ser gastos nos comércios locais do Distrito de Taunay os serviços são de cultivo de mudas que são plantadas em tubetes em Ribas do Rio Pardo-MS.

Figura 5- Retirada dos eucaliptos dos tubetes.



Fonte: Pesquisa de campo/Arquivo Pessoal 2022.

A figura (5) retrata o trabalho no preparo das mudas já em tamanho ideal para o plantio. As mesmas são retiradas de seu tubete transportado e plantado nos talhões já preparados.

Com a plantação outras formas de trabalho são desencadeadas como o controle de pragas como formigas e cupins que podem danificar a plantação e a irrigação dos pés de eucalipto, com auxílio da matraca o trabalhador indígena vai plantando a cada dois passos longos muda por muda até o fim de cada talhão que tem por volta de 10 a 15 hectares.



Figura 6-Plantio do eucalipto nos talhões preparados.



Fonte: Pesquisa de campo/Arquivo Pessoal 2022

na figura (6) retrata a plantação dos eucaliptos nos talhões.

Outra modalidade de trabalho sazonal praticada nas fazendas é a poda de eucalipto. Esta atividade é realizada com o intuito de obter eucalipto de alta qualidade utilizado tanto para madeira de construção ou na construção civil. Esta mão de obra teve curta duração, porém esta oferta de trabalho está tendo um solavanco pela a criação da celulose na cidade de Ribas do Rio Pardo MS, onde os Terenas estão hoje contando com benefícios como carteira assinada e ganhando um salário mínimo. Há meios de transportes onde os trabalhadores Terenas se deslocam de Veículo Van ou de ônibus disponibilizado pela empresa RA Florestal e os mesmos retornam geralmente no final do mês, sendo que os trabalhadores usufruem de que 3 dias de folga onde retornam ao serviço novamente.



Em 2011 deu o início no ciclo da maçã onde no início do ano em meados de janeiro formam-se turmas de 45 pessoas que percorrem cerca 1,472 km em 21 horas e 31 minutos até chegar a Vacaria RS na empresa Frutini, entre outras que ali trabalham no ramo das macieiras

figura 7-Distribuição dos EPI's e das pulseiras para a contagem da produção diária.



Fonte: Pesquisa de campo/Arquivo Pessoal 2022

A figura (7) refere-se à chegada dos trabalhadores Terenas aos alojamentos onde há a distribuição de EPI's (Equipamento de proteção individual). Ao chegar, os trabalhadores recebem aula de como colher a maçã. Em forma de organização de trabalho, há distribuição de quais são as suas funções, ou seja, há função como tratorista, zelador e colhedor. A forma de pagamento não é realizada através de diária e sim de acordo com o número de sacolas realizadas durante o dia.

Durante o trabalho de coleta de maçã o trabalhador sazonal tem um salário mínimo rural como base e para a contagem de sua produção são distribuídas pulseiras que são



utilizadas na contagem das sacolas para controle da produção que cada trabalhador realiza ao dia. O trabalho tem como meta 90 sacolas para a empresa e que depois começa a contar a sua produção sobre o salário mínimo que é de R\$1.600,00. Cada sacola custa em média de R\$0,65 centavos que será somado no final do dia à sua produção diária.

O trabalho exemplificado na figura 8 que se refere ao trabalho no estado do Rio Grande do Sul (colheita de maçã), não se colhe apenas a maçã. Há outros cultivos como alho, uva, cenoura e beterraba porém os indígenas têm maior produção são as épocas das colheitas de maçã da Fuji e da Gala, sendo a que colhe primeiro é a gala nos meses de janeiro a meados de março e fuji em menor quantidade de macieiras desse modelo finalizando assim colheita Perguntado como aconteceu esta ponte para obter a mão de obra indígena pela empresa, o responsável respondeu que:

A mão de obra para as colheitas era da cidade e algumas das turmas eram formadas por trabalhadores da região da fronteira do estado. Porém, tinham pouco rendimento e causavam muitas confusões quando alojadas. Então a empresa foi em busca de uma solução, encontrando a mão de obra indígena. Fizemos novos investimentos em alojamentos e desde 2013 eles vêm fazer nossa colheita, que agora é 100% mão de obra indígena (Pesquisa de campo 2022)

O trabalho sazonal nas colheitas de maçã e até nas uvas é uma verdadeira maratona por percorrer vários km por dia o indígena carrega ainda uma bolsa para poder colocar as maçãs e uma escada para poder colher as maçãs no topo das macieiras. Ou seja, a infraestrutura de trabalho oferecida pela empresa aos trabalhadores é limitada.





Figura 8-Alojamento que abriga os trabalhadores nos períodos de colheitas.



Fonte: Pesquisa de campo/Arquivo Pessoal 2020.

Na Figura (8) ficam os alojamentos que podem suportar até 3 turmas com 45 pessoas, os contratos de trabalhos são de 45 dias contrato normal, podendo alcançar até 90 dias de contrato estendido para a colheita de maçã do tipo Gala e da Fuji.

Nos alojamentos nem sempre ficam grupos de uma sua região que podem misturar trabalhadores de aldeias vizinhas como cachoeirinha, lalima entre outras localizada em Miranda MS que são Terenas, porém podem haver trabalhadores do grupo Guarani que são indígenas da região da grande Dourados. O convívio entre os Guarani e os Terenas nem sempre são amigáveis podendo ter conflitos entre uma etnia e a outra.

Após as colheitas podem surgir vagas permanentes nos pomares. Caso haja algum interesse do trabalhador em permanecer no estado do Rio Grande do Sul é possível permanecer por um período de 2 anos ou podendo prolongar pelo mesmo período. Temos exemplos do indígena Eliel Jordão que pertence a aldeia Bananal que está no pomar 1 da empresa frutini desde 2019. hoje é segundo na hierarquia da empresa.





Uns dos principais fatores para a adaptação no RS e o clima que desde Janeiro começa a ficar com o clima ameno durante o período da manhã e da noite, e em março inicia o período de frio com geadas e em alguns anos podendo a nevar precocemente na região isso faz que o trabalhador indigena acabam não optando pela sua permanência na empresa .

Figura 9-O grupo Finalizando a Colheita.



Fonte: Pesquisa de campo/Arquivo Pessoal 2020

Na figura (9) acima podemos observar que cada grupo pode ter de 15 a 30 trabalhadores sendo eles tratorista, colhedores e limpadores de folhas, cada grupo começa de uma parte específica e estratégica do chefe do pomar este gerente da fazenda explica em quais partes da fazenda podem se iniciar a colheita.

No início são selecionadas sempre as mais maduras e retirando as estragadas, nessa fase não tem produção somente o ganho na diária e com o decorrer dos dias quando as maçãs já está com quase 80% no ponto de colheita é liberada a produção, após a colheita que são dívida por pomar sendo que na fazenda Campestre da Serra são 8 pomar e na dois que é uma extensão da fazenda campestre da serra são mais 5, após finalizar todos chega a tão esperada fim do contrato de 45 dias.



Porém em algumas vezes não chegamos a finalizar a colheita e quando as maçãs não maduram no tempo específico dando assim a quebra de contrato pela a firma que por sua vez faz o carto dos dias trabalhados e que ficaram a ser compridos.

### **Considerações Finais**

Através da presente pesquisa sobre o trabalho sazonal nas aldeias Ipegue e Colônia Nova, foi possível constatar que:

- Os trabalhos sazonais iniciam no pós guerra onde o Terena se viam em condições severas e sem espaço para seu cultivo da agricultura e sem espaço para a caça e pesca, obrigando os indígenas a buscar formas de renda fora de sua aldeia esta realidade não é particular da aldeia Ipegue e Colônia Nova, sendo obrigado a fazer trabalhos que não eram de suas origens e assim muitas vezes se prestando a quase trabalhos análogos até hoje esta prática é muito utilizada tanto como nas fazendas como na colheita da maçã.
- Atualmente os aldeados Terenas não tem muita escolha ainda mais frutos dos anos 80 e 90, que não conheceram muito sobre seus direitos trabalhistas, que foram obrigados a não frequentar a escola, e aos poucos que frequentaram logo abandonou os estudos e elevando o índice dos analfabetos funcionais, vimos que a luta para obter sua independência financeira e um lugar na sociedade não foi fácil e sempre lutando contra os preconceitos e falácias que nos colocam, como apelidos que não são do caráter dos indígenas.
- Ao longo dos anos o trabalho sazonal sofreu muitas mudanças desde a forma precária de alojar os trabalhadores indígenas e os não indígenas, tais práticas de trabalho foram de suma importância para o Terena terem maior convívio com a sociedade do homem branco.
- Com o convívio diretamente com o homem branco o indígena não só das aldeias supracitadas acima mas no contexto geral teve muitas perdas, como sua língua materna que foi a primeira é a principal perda entre outras culturas..
- Em busca de renda para suprir suas dificuldades, o trabalhador sazonal teve como experiência as fazendas ao redor da Aldeia.
- Após vários anos essa modalidade acabou ficando estagnada oferecendo poucas vagas de trabalho aos indígenas que viram nos contratos tanto da cana, eucalipto e a maçã uma forma de garantir sua renda financeira.



### Referências Bibliográficas.

ACÇOLINI, Grazielle. UNIEDAS: Uma igreja evangélica entre os índios Terena. São Paulo: Unesp, 2001. 20 p. Disponível em: 4826-1578368937.pdf. Acesso em: 20 fev. 2022.

ALIPRANDINI. H. Eduardo; Entrevista concedida a Leandro Amorim Lulú em Janeiro de 2022 na cidade de Vacaria RS.

AMADO. Nicolau; Entrevista concedida a Leandro Amorim Lulú em 20 de Março de 2022. na Aldeia Colônia Nova Aquidauana MS.

Borges FT de M. Do extrativismo à pecuária: algumas observações sobre a história econômica de Mato Grosso (1870 a 1930). 1991 ;[citado 2022 nov. 15 ].

ELOY. Genesio; Entrevista concedida a Leandro Amorim Lulú em 16 de Março de 2022 na Aldeia Ipegue Aquidauana MS.

GARCIA, Adilson; ZORZATO, Osvaldo. Democracia e Ditaduras do Mundo Contemporâneo. 2014. Disponível em: [https://www.encontro2014.ms.anpuh.org/resources/anais/38/1411090001\\_ARQUIVO\\_ArtigoANPUH-2014-TextoCompleto.pdf](https://www.encontro2014.ms.anpuh.org/resources/anais/38/1411090001_ARQUIVO_ArtigoANPUH-2014-TextoCompleto.pdf). Acesso em: 22 nov. 2022.

GONÇALVES, Diego Luiz. CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA E AMBIENTAL DA ALDEIA MORRINHO-MS, TAUNAY. Aquidauana-Ms: Ufms, 2021. 26 p.

GRONEFRELD. Ailton; Entrevista concedida a Leandro Amorim Lulú em Janeiro de 2022. Na Cidade de Vacaria RS.

LADEIRA, Maria Elisa; AZANHA, Gilberto. **Povos Indígenas no Brasil**. 2004. Modificado em 25 de Jan de 2021. Disponível em: [https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Terena#Fontes\\_de\\_informa.C3.A7.C3.A3o](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Terena#Fontes_de_informa.C3.A7.C3.A3o). Acesso em: 22 nov. 2022.

LARA. Ageu; Entrevista concedida a Leandro. Amorim Lulu em 20 Março de 2022. Na Aldeia Colônia Nova Aquidauana MS.

LEITE, Eudes Fernando. Marchas na história comitivas e peões-boiadeiros no Pantanal. Campo Grande: Ufms, 2003. 61 p.



SALVADOR, Mario Ney Rodrigues. OS ÍNDIOS TERENA E A AGROINDÚSTRIA NO MATO GROSSO DO SUL: A RELAÇÃO CAPITAL TRABALHO E A QUESTÃO INDÍGENA ATUAL. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012. 107 p. Disponível em: dissertação.Mario-Ney-Rodrigues-Salv

TURÍBIO, Argemiro. Luta e Resistência do Povo da Cachoeirinha. Aquidauana-Ms: Ufms, 2020. 36

ULIAN, Gabriel. O AMARGO DA CANA-DE-AÇÚCAR: AS INSALUBRES CONDIÇÕES DO TRABALHO INDÍGENA EM BRASILÂNDIA, MS. 2007. 13 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Ufms, Tres Lagoas, 2021. Disponível em: ndh-cptl.ufms.br\indigena%20em%20MS/O\_AMARGO\_...pdf. Acesso em: 20 jul. 2022.ador.pdf. Acesso em: 20 fev. 2022.

URQUIZA. Povos\_indigenas\_em\_mato\_grosso\_do\_sul.pdf. 2013. 983 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Ufms, Campo Grande, 2013. Disponível em: [https://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/EDITORA/catalogo/povos\\_indigenas\\_em\\_mato\\_grosso\\_do\\_sul.pdf](https://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/EDITORA/catalogo/povos_indigenas_em_mato_grosso_do_sul.pdf). Acesso em: 13 nov. 2022.

### O Relatório do Artigo Leandro Amorim Lulú

Do curso de Geografia Licenciatura

Orientador professor Dr<sup>o</sup>; Fernando Rodrigues farias

Perguntas para empresa coleta de dados

- Nome da Empresa, e quando foi fundada e quem a criou, endereço?

Frutini Fruticultura Aliprandini Ltda

No ano de 1989

Sr. Henrique Eduardo Aliprandini

Campestre da Serra foi a primeira área.

- Como e quando dá o início o ciclo das maçãs

Em 1984 começou a ser plantado as primeiras mudas de macieira, ameixa e pêssego.

No ano de 1986/87 foi colhida a primeira safra de maçãs próprias.



- Dificuldade de mão de obra local e como e quando deu início da mão de obra indígena?

A mão de obra para as colheitas era da cidade e algumas turmas da fronteira, porém tinham pouco rendimento e causavam muitas confusões quando alojadas.

Então a empresa foi em busca de uma solução, encontrando a mão de obra indígena, fizemos novos investimentos em alojamentos e desde 2013 eles vêm fazer nossa colheita, que agora é 100% mão de obra indígena.

- Média salarial e formas de produção; exemplos metas da firma na colheita da maçã, no arqueamento, poda e raleio.

Trabalhamos com salário mínimo da categoria para trabalhadores rurais, pagando todas as horas extras.

Na poda estamos testando algumas formas de pagamento de prêmio, mas na colheita já está bem definida.

Da colheita passamos uma meta, que após atingida, o que ultrapassada recebe um prêmio, tudo pago em folha também.

- Funções e cargos e interações do trabalhador indígena?

A grande maioria exerce a função de trabalhador rural, porém temos tratoristas e monitores.

Inclusive há casos de indígenas que ficam de forma permanente na empresa para realizar atividades ao longo do ano.

- Prós e contras da mão de obra indígena?

Prós: são bem comprometidos, se explicado de forma clara executam muito bem as funções.

Contra: distância, pois o transporte aumenta bastante o custo da colheita.

- EP'IS de serviços, métodos e técnicas para colheita, atividades realizadas durante e após a colheita da maçã?

- Tempo de contrato?

É feito contrato de Safra, dura toda a colheita das variedades gala e fuji.

- Quantos Pomar tem a Empresa?

Possui 7 pomares.



- Quantas pessoas suportam os alojamentos?

Alojamos aproximadamente mil pessoas.

### Questionário (pesquisa de campo)

- 1- Relate rapidamente sua história pessoal.
- 2- 2- Quantos membros da sua família moram com você?  1  2  3  4   
5  mais de 5
- 3- Religião?
- 4- Profissão?
- 5- Tem filhos? Se sim, quantos?
- 6- Faixa etária (Idade) dos moradores?
- 7- Escolaridade dos pais e escolaridade dos filhos (se fizer faculdade citar onde e curso).
- 8- Produz? O que produz? Onde vende?
- 9- Renda familiar?  Não tenho nenhuma renda mensal  Menos do que 0,5  
salário-mínimo  De 0,5 salário-mínimo até 1 salário-mínimo  De 1 salário-mínimo  
até 1,5 salário-mínimo  Mais de 1,5 salário-mínimo
- 10- Você ou algum membro de sua família são beneficiários de Programas Sociais (Bolsa  
Família, Benefício de Assistência Social, etc.)?  Sim. Qual?  
\_\_\_\_\_ Valor R\$:\_\_\_\_\_  Não
- 11- Pertence a alguma associação cultural?
- 12- Pertence a algum clube ou associação esportiva?
- 13- Está acostumado a acompanhar o movimento geral do país? Se sim, quais?  Político  
 Econômico  Social  Esportivo  Outro. Se outro, qual?
- 14- Qual é o meio que você mais utiliza para se manter informado sobre os  
acontecimentos atuais?  Jornal escrito  Jornal falado (TV)  Jornal falado (Rádio)  
 Revistas  Através de pessoas  Internet  Nenhum desses.